



Sumário

INTRODUÇÃO – DISCURSO E MEMÓRIA	11
Extensões em torno do escrito ▪	11
Sobre os bastidores da escrita ▪	18

PARTE I ▪ A PREDIÇÃO DA GUERREIRA

1. A VOCAÇÃO DE HERDEIRA	25
O papel da mãe ▪	33
Um ideal de família negra ▪	38
Guardiã dos mais novos ▪	40
O casamento como insurreição ▪	41
Da periferia ao centro: rotas e trajetos ▪	45
Influências e heranças políticas: novos interlocutores em cena ▪	47
A grande síntese: a irrupção de Lélia Gonzalez ▪	52
Antes de tudo, a busca de (re)afirmação identitária ▪	58

PARTE II ▪ NA FRENTE DE BATALHA

2. NOVAS FRONTEIRAS DE ATUAÇÃO	63
Alçando outros voos ▪ 70	
Demarcando as fronteiras: a criação do Geledés – Instituto da Mulher Negra ▪ 71	
Amplificando o debate e a atuação: conferências mundiais ▪ 82	
A projeção das ideias: consolidação da intelectual ▪ 83	
No rastro da letra ▪ 86	
Pesquisa acadêmica: dialogando com Michel Foucault ▪ 92	
3. MAIS ALGUMAS PALAVRAS – A EMERGÊNCIA DA INTERLOCUTORA ACADÊMICA	97
BIBLIOGRAFIA	101



Introdução – Discurso e memória

EXTENSÕES EM TORNO DO ESCRITO

Para que servem as biografias? Por que alguns nomes são alçados ao patamar do reconhecimento público? Sob que prismas uma história de vida deve ser contada? Por que os relatos de algumas trajetórias pessoais parecem ter um cordão mágico ligando experiências de vidas extraordinárias com a nossa, trivial e comezinha? Por que tramam tecidos especiais que tecem a nossa própria história?

As respostas, infundáveis, multiplicam-se ao gosto da freguesia. Abreviando o catálogo de possibilidades, podemos ensaiar algumas tentativas de resposta: as biografias vingam como modalidades de escrita para tirar do limbo nomes excepcionais, aureolados pelo martírio, pelo heroísmo ou pelo extraordinário, por algo que têm de exemplar ou de simbólico, salvá-los da nossa incontornável mortalidade; servem para nos transportar aos bastidores de cenas individuais, responsáveis

pelas mudanças de rota de uma coletividade, para familiarizar-nos com modos de vida singulares, para que retornemos melhores do que partimos, como ao final de uma viagem.

Neste momento de registro intensificado da história do movimento negro e de seus personagens¹ – sem dúvida, um portal de acesso a uma soberania negada até hoje –, o ato biográfico, nessa fronteira, ganha maior peso e significado político imediato. Não é de hoje que se reivindica a devida e justa escritura da contribuição do negro em diversos setores e áreas da atividade humana, para além daquilo que foi pré-fixado pela oficialidade discursiva. Como sabemos, há um bloco compacto e homogêneo de representações recobrando a trajetória do negro no Brasil e no mundo. Como o arco das representações tornou-se sobremaneira limitado e repetitivo (habitualmente, a mulher negra é lembrada e “honrada” pelos mesmos “atributos”), a contrapelo, escavamos, como que arqueólogos, nomes que foram soterrados pela memória histórica. O pesquisador, imbuído do compromisso de estender os extremos desse arco, penetra numa densa e inexplorada floresta onde poucos pisaram, por má-fé ou cegueira.²

1. São diversas as iniciativas voltadas para o registro e a exposição da história do negro sob o prisma da atuação militante e intelectual. Nesse território, destacam-se mais recentemente: RATTIS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*; CARRANÇA, Flávio. *Hamilton Cardoso (militante)*; e as publicações desta coleção.

2. Do próprio gênero biográfico podemos extrair um exemplo cabal: entre 1995 e 1997, o número de biografias à venda no Brasil praticamente dobrou. O pico foi em 1996: 285 títulos. Embora se desconheça com precisão quantas obras são dedicadas a personalidades negras, pode-se afirmar que estas representam percentual irrisório. A música e o esporte conferiram notoriedade a alguns(mas) dentre nós, que em épocas anteriores teriam permanecido anônimos(as).

A metáfora não soa apenas como recurso retórico: é necessário, sim, ímpeto de desbravador, já que a quase totalidade da história oficial preferiu calar a voz de *pessoas negras notáveis* e relegá-la a uma posição marginal. Muitos ativistas e intelectuais, irrecusavelmente brilhantes, não foram incluídos devidamente no rol das notoriedades do seu campo de atuação. Em geral, seus nomes são inteiramente desconhecidos e dificilmente alcançáveis. Nas searas difíceis de esquadriñar, construímos nossa história.

Urge, assim, transpor o déficit documental que timbra a história do negro e das mulheres negras. Por que Abdias Nascimento não goza do mesmo estatuto dos seus contemporâneos brasileiros? Por que alguns setores da ortodoxia literária relutam em considerar Maria Carolina de Jesus uma escritora? Por que se deu, durante anos a fio, ao romance *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, o crédito de ter sido o primeiro romance brasileiro, quando na verdade o nosso primeiro romance, *Úrsula*, foi escrito com a pena de uma mulher negra, Maria Firmina dos Reis³, em 1859?

O esforço de quem se aventura em trazer à superfície nomes, vozes e experiências do mundo negro é redobrado: sistematizar experiências, pôr em destaque estilos de vida, exige um duplo movimento que compreende, antes de tudo, entrar na disputa discursiva para mostrar que esses nomes mere-

3. Maria Firmina dos Reis (1825-1921), maranhense, foi nomeada, em 1847, para o ensino oficial por concurso. Seu romance, *Úrsula*, foi publicado, em 1859, sob o pseudônimo de “Uma maranhense”. No livro, a autora já denunciava a escravidão, mostrando a contradição entre a fé cristã da sociedade e a crueldade do regime escravagista.

cem lugar especial no panteão das personalidades históricas. Portanto, não se trata apenas de dizer que tais e tais nomes foram esquecidos, injustiçados, mas de anunciar a sua existência, chamar a pessoa pelo nome, narrar o aparecimento. A chave explicativa desse apagamento é sintetizada pelo filósofo e comunicólogo Muniz Sodré, para quem a lógica racista do apagamento opera circularmente nas seguintes categorias: a *negação*, o *recalcamento*, a *estigmatização* e a *indiferença*.

No que concerne às mulheres negras, sabemos que essas quatro categorias marcaram os modos de *relatar* e *silenciar*. Sua história é recoberta por oceanos de silencioso esquecimento:

Assim, longe de ser fruto do acaso, a constituição do arquivo, da mesma forma que a constituição ainda mais sutil da Memória, é o resultado de uma sedimentação seletiva produzida pelas relações de força e pelos sistemas de valor. É o olhar que faz a História. No coração de qualquer relato histórico há a vontade de saber. No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. (Perrot, 2001, p. 14)

Se não houve *vontade de saber* em torno da história da mulher, quadruplicuemos essa “indisposição” no que toca à constituição da memória das mulheres negras para tentarmos avaliar o perímetro dos vazios e das lacunas. Ao executar tal tarefa, veremos que o estrago no campo das representações é incalculável.

Como bem disse Lélia Gonzalez (1983, p. 225), “na medida em que nós, negros, estamos na lata de lixo da sociedade

brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”.

Na trilha de Lélia, podemos afirmar que o empreendimento coletivo na busca de reconhecimento tem como nexos prioritários tirar das sobras, das brechas, das franjas em torno dos “discursos legítimos” o pensamento da mulher negra e colocá-lo no centro do debate. Se acatarmos minimamente a máxima das ciências da linguagem de que o ser advém pela fala, os silêncios em torno da mulher negra traduzem a sub-humanidade a que foi reduzida.

Diante dessas questões, são várias as tarefas que os movimentos de mulheres negras têm de cumprir. Wânia Sant’Anna (2004, p. 7) consegue resumi-las em três questões nucleares:

- A importância de escrevermos as nossas histórias de vida – e, por isso [...], mencionar as obras das escritoras negras e recordar momentos de organização política das mulheres negras brasileiras.
- Analisar quanto as mulheres negras, apontando as suas dificuldades de sobrevivência – social, econômica, política e cultural –, têm sido capazes de explorar problemas estruturais da sociedade brasileira – e, para tanto, apresentar os indicadores sociais e econômicos que comprovam as diferenças de padrão de vida e oportunidades entre mulheres negras e brancas.
- Discorrer sobre por que, para as mulheres negras, segue sendo importante estabelecer distinções entre os seus interesses e suas necessidades frente às necessidades e os interes-